

## VERSOS REVERSOS

(poemas quase herméticos)

### I

Naquele pátio fechado  
Estava um homem voltado  
Vestido de covardia  
Não há quem diga, não há  
Naquela face tão má  
Que ali houvesse alegria.

No temporado cangaço  
Havia a sombra, o mormaço  
Contidos na sinfonia;  
No peitoril me debruço  
A olhar o choro, o soluço  
De uma ave que morria

As coisas passam por mim  
Como se sumissem  
Nesta última haplogia  
Pois nestes versos reversos  
Estão todos já dispersos  
Os versos da poesia.

Pela porta aberta escorro  
Em tudo que eu faço, eu morro  
Numa exaustiva ambição  
Para me esconder das horas  
Vim; para comprar demoras  
Anverso da solidão.

Respiro bater de remo  
Na frequência o tempo espremo  
Que se tornou compaixão;  
Foi assim na noite escura  
Uma simples conjectura  
Que se fez proposição.

Seus olhos são duas bolhas  
Conservadas entre folhas  
Do mesmo azul tinhorão  
Sofro em mim quem me repele  
Pois sinto na minha pele  
O garfo de sua mão.

3

Ao chegar perto da chã  
Percebi a pré-manhã  
Feita só de céu azul  
O sol estava inda ausente  
Sua aurora enrubescente  
Só depois do vento sul.

De um botão simples, noturno  
Nasce um ramo taciturno  
Num subúrbio de Istanbul,  
Logo após surge a corola  
Que se esmaga, se estiola  
Desse tempo no friul.

Uma voz paira, no entanto  
Sobre as cinzas do amaranto  
Na cidade de Seul.  
Canta um canto, moribundo  
Sobre as plagas desse mundo  
E adormece num paul.

4

Quando mais ninguém ressoe  
Venha a mim por telefone  
Voz amiga de mulher  
    – No primeiro verso frouxo  
Exprimo um sentido chocho  
Para quem saber quiser.

A semente come o albume  
Se faz depois vaga-lume  
Que se torna malmequer,  
É quando nasce uma rosa  
Impossível, caprichosa:  
Rodon. . . roda: rosicler.

O tempo é sempre lembrança:  
Coordenada, na balança  
A medir massa qualquer  
A sombra sobe e ilumina:  
Longínqua visão divina  
Do que bem perto estiver.

Eu quero chamar o tempo  
Limpá-lo bem muito limpo  
Deixá-lo como um lustral,  
Com ele faço os espelhos  
Onde durmo de joelhos  
Num sono só de cristal.

Ao longe vejo um navio  
Que marcha sempre em desvio  
Das coisas mortas no mal  
Navega o chão da planície  
Onde estão na superfície  
Sol e azul, azul e sol.

No entanto quem me descobre  
Eu que sou triste e sou pobre  
Vai me achar bem desigual  
Quando morrer, com certeza  
Terei silêncio e riqueza  
E a terra é meu pedestal.

6

Pensar muito no futuro  
É esforço prematuro  
É final de primazias,  
Vem o vento se acabando  
Vem cansado, vem chorando  
Se esconder nas ramarias.

Entre a folha e a sua flor  
Entre a flor e o fruto, amor  
Há saudades de Marias;  
Tome o lápis e conserte  
Logo tudo se converte  
Em perfeitas geometrias.

Veio o vento novamente  
Veio assim bem lentamente  
Sem doçuras e arrelias  
Desta vez não se escondeu  
Até pensou que morreu  
Entre cinzas e alegrias.

O que há no homem é fantasma  
Fantoche feito de plasma  
É fantasia do mundo  
Em vez de dizer – falar  
Prefiro dizer – cantar  
Um canto triste e fecundo.

Sinto no corpo profano  
Da mulher um soberano  
Dever ligeiro e profundo  
Tudo mais é incoseqüente  
Toda graça é impertinente  
E se acaba num segundo.

Para nascer é preciso  
Ter um pai e circunciso  
Da voz de Deus oriundo  
Achar nas coisas passadas  
Um surto das alvoradas  
O mais nascido e jucundo.

Eu vejo o tempo parado  
Num relógio fabricado  
Do que sempre não passou,  
Olhei mais perto e sorri  
Pois agora é que menti:  
O tempo claro soou.

Vi o oceano sem onda  
E no céu nuvem redonda  
Que em cadeia se formou;  
Depois chega uma girafa  
E no mar de uma garrafa  
Para sempre mergulhou.

Desse alto céu vim pairando  
Vim descendo, acompanhando  
A terra que em mim roçou.  
Quis pousar naquele chão  
Mas perdi a ocasião  
Pois senti que o chão voou.